

UMA REFLEXÃO ACERCA DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Luciana de Fátima Maciel¹
Cláudio Roberto da Silva²

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.” — Simone de Beauvoir.

O objetivo do resumo é relatar algumas reflexões acerca do papel social das mulheres na realidade brasileira contemporânea, a partir da leitura da obra *Mulheres Educadas na Colônia*, buscar um entendimento da situação da mulher no Brasil, bem como discutir a história de lutas por direitos civis e sociais. Cabe ressaltar, contudo, que as possibilidades aqui sugeridas não desejam estabelecer verdades últimas e definitivas, mesmo porque, trata-se de um tema que ainda tem um longo caminho a percorrer, pois a grande parte dos que discutem o papel da mulher na sociedade, ainda apresentam pontos de divergências. O que se propõe, pois, é pensar nas possibilidades que podem surgir, a partir de uma análise mais aprofundada do tema e da obra, além de outras questões que poderão ser incorporadas ao longo do nosso estudo. O desejo, aqui, portanto, não é o de estabelecer as diferenças, julgamentos, ou mesmo de definir o que é certo ou errado em relação ao papel social da mulher, mas o de observar e entender a temática, a partir de leituras de autores que dialogam com essa área do conhecimento. Nessa direção, delimitaremos a nossa análise, numa tentativa de compreender o papel da mulher na sociedade, sua evolução, as lutas cotidianas por melhores e maiores espaços numa sociedade que, historicamente coloca a mulher à margem do mundo que a cerca. Durante a empreitada, lançaremos o nosso olhar sobre questões que permeiam o papel da mulher em diferentes períodos da nossa história, a memória, o registro, a luta e as suas significações, a denúncia social e as experiências vividas. A metodologia usada na realização da proposta se norteará pelo caminho de uma reflexão, por meio de análises da referida obra, contemplando o intrigante entrecruzar entre lutas e conquistas, avanços e retrocessos. Podemos considerar que, em pleno século XXI o Brasil ainda não proporciona condições favoráveis às mulheres, quando estas ainda enfrentam

¹ Aluna do Segundo Período do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia, Educadora na Rede Municipal de Uberlândia.

² Professor Mestre da Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia, nas disciplinas de História do Brasil, Antropologia Cultural e Educação e Gestão dos Processos Educativos escolares e Não Escolares.

desigualdades salariais, pouca representatividade política e a violência doméstica, que aumenta assustadoramente. É importante considerarmos a necessidade de fazer um breve histórico da condição das mulheres no Brasil a partir do século XIX, para que possamos compreender melhor a realidade na qual estamos em pleno século XXI. A história nos coloca um passado nebuloso, porém marcado por muitas lutas e conquistas. As mulheres começaram a receber oficialmente as primeiras instruções educacionais em 15 de outubro de 1827, quando foi outorgada a Lei Geral do Ensino Elementar, que lhes permitiu acesso ao ensino primário. Apesar do grande avanço para a época, não conseguiram trabalhar em condições de igualdade com os homens, pois eram constantemente discriminadas, vistas como “pessoas inferiores” e suas atividades permaneciam praticamente as mesmas de outrora como bordar, pintar e ensinar aulas de piano e canto, sendo assim, sua inclusão no sistema educacional iniciou-se de forma limitada. Em 1879, as mulheres conseguem o importante direito de ingressarem nas faculdades, porém, para isto, precisavam da liberação de seus pais e esposos. No campo afetivo, *“Por não saberem ler e escrever, as mulheres não podiam mandar bilhetes aos homens com quem flertavam, normalmente dentro das igrejas. Porém, a correspondência amorosa se dava por meio de um ‘código secreto’ usado até o progresso da educação feminina: as flores.”* (RIBEIRO, 2000). As mulheres passaram a dominar o mercado de trabalho, principalmente depois das grandes Guerras Mundiais, quando muitas perderam seus companheiros que participaram da linha de frente nos combates. Diante de uma nova realidade, com muitas incertezas e carregando os traumas da guerra, elas se viram obrigadas a deixar seus lares e filhos, os cuidados e afazeres domésticos, para enfrentarem uma nova vida. Sempre buscando pelo conhecimento das mais diversas áreas, progrediram no mercado de trabalho, especialmente na área da Educação, onde muitas se formaram como professoras primárias, do magistério, e outras seguiram alcançando postos ainda mais expressivos, tornando-se mestras e doutoras.

No início do século XX a revolução feminina começou em forma de “ondas feministas”, isto é, movimentos históricos organizados por mulheres que estavam dispostas a conquistar avanços em prol de sua libertação. O primeiro direito exigido foi o direito que antes era concedido apenas aos homens, isto é, o direito de votar. As mulheres queriam mais participação na vida pública e política. Alcançado este direito e decididas a não serem mais “*belas, recatadas, do lar*” e submissas, seguiram lutando rumo à segunda “onda feminista”, pois, naquele momento, já não queriam mais “donos” para seus corpos e jornadas de trabalho extenuantes, assim, conquistando cada dia mais espaço na sociedade, lutando por novos valores, dignidade e respeito, as mulheres permanecem, hoje em dia, atuando em uma terceira onda de revolução feministas, exigindo igualdades raciais, sociais, liberdade religiosa e livre manifestação do pensamento. Como forma de compensar tantos anos de opressão, violência doméstica e desrespeito, a mulher buscou de forma intensa pela inclusão qualificada e dominam as salas de aula desde o início dos anos de 1990. Enfrentado muitos desafios, as mulheres ainda lutam contra o machismo, a misoginia, a desigualdade de gênero e por direitos humanos. No contexto atual do Brasil, a proposta de reforma da previdência atinge diretamente as mulheres, o corte de direitos aumenta o desequilíbrio social e reforça as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Neste sentido, sua luta continua e a busca pela liberdade plena permanece e, como disse Simone de Beauvoir: “*Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância*”, pois ao longo dos anos, as mulheres foram submetidas a muitas injustiças, mas também adquiriram direitos civis, políticos e sociais importantes, mostrando, através dos avanços o seu importante papel na transformação social.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *Mulheres Educadas na Colônia*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). 500 Anos de Educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.